

expedito ferraz jr.

visgô
das
coisas

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 - Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

ILUSTRAÇÃO, PÁGINA 17: Beatriz Luna

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F318v FERRAZ JR., Expedito. 1970-

O visgo das coisas / Expedito Ferraz Jr. - Penalux:
Guaratinguetá, 2017.

92 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-288-0

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O VISGO DAS COISAS

Tempo em que, pra ter ensejo,
o ser das coisas carecia
de se valer da alma dos bichos
ou de pessoa humana
(modo de sedizer).

Máquina-de-escrever, por exemplo:
pra quê? pra quem?
Mas, quando deu fé,
ela sorrindo tanto dente,
muito que brancos,
foi ficando ali que ficou sendo
máquina-de-sorrir-ainda-que-todavia.

Guarda-chuva também, resignado,
em surdo haver de ser ave noturna,
recolhido em si, mofino, desalado,
sem uso sem asa sem voo sem chuva sem chãõ,
dormindo pendente, no esquecido
de nunca ter sido morcego,
antes a flor enlutada,
o agourento corvo
e nunca bengala,
e não sequer seu guia.

Dos bichos alados, porém,
o janelão era o demais vivente,
suas venezianas costelas azuis
assoviando sempre e sempre,
e o grande par de asas
que se rebelava alguma vez,
mas só quando o vento suscitava
(em si bemol),
como um gesto da mão
responde em sestro
ao zoom da escuridão de um pensamento
e sofrendo e sofrendo a deslembração
de um talvez antigo voo.

tempo em que, por ser espelho,
o visgo das coisas padecia
mísero de luz, que é sem o que
sequer as réstias das orquídeas crescem,
nem as mandalas das aranhas acontecem.

O SOM NÃO SE

O som não se propaga no Espaço.
Nem os fluidos da palavra arpejo,
nem o gotejar das contas do *staccato*
(e o que há de cascata, embora seca,
em seus espasmos datilografados,
no estalar de lagarto entre gravetos,
na língua de relógio de seus arcos).

Que som algum, nenhum, vaga no vácuo.
Nem mesmo as ondas da palavra onda,
quando explodem nas pedras deste Cabo,
e a rajada que atinge, e tinge, em cheio
o papel, alvo móvel, fuzilado,
nem o desenho em espiral da fuga,
que, no elepê, é tátil, tatuado.

Pois nenhum som ressoa nesse hiato
entre as noites de eternas duas pausas.
Nem mesmo o sim da pulsação ouvida
na gaiola por Cage engaiolada.
Somente o cio desse silêncio em si,
que é o som já não sendo, inversa vaga,
somente o frio desse não ser sem fim,
mote justo, é que, enfim, nunca se apaga.

ALEGORIAS DO BRANCO

1.

No meio da frase,
esqueço a palavra:
saio em disparada,
corro em desespero,
como em pesadelo,
persigo um fantasma,
como quem procura
certo par de olhos
que ontem sorriram
na fenda da burca,
mas tantas mulheres
súbito usam burcas
e todas têm rostos
que miram no nada
ou todas sorriem
com olhos de ontem,
camuflando a fuga
disso que me falta.

2.

No meio da frase,
me falta a palavra.
Mas não falta, apenas:
cintila e me cega,

míngua e, já vertigem,
quer luzir, se apaga.
Morre num letreiro
que cai dos escombros
de minha cidade
recém-bombardeada.

3.

No meio da frase,
me foge a palavra.
Mas não foge, apenas,
antes, se insinua,
risca o céu, cometa,
quer se dar, se nega,
como a mão de Dora
repreende o vento
que lhe inflama as saias,
labareda alada,
enquanto o sorriso
diz que sob as saias
(que meus olhos sopram)
Dora veste nada.

O LABIRINTO

"No habrá nunca una puerta..."

(J. L. Borges)

Vencido,
descrido de céu
ou saída,
paro entre paredes,
convencido
de que o labirinto
é que se move;
de que o labirinto
me percorre
(e nunca,
dentro dele,
eu me movera).

Recolho o fio
já vertido.
Refaço o novelo.
E um novo labirinto
cresce em minhas mãos,
na brenha tosca
da pequena esfera.

Há que fiar,
na eternidade veloz,
a antiespera.

Há que aceitar
que o fio
que eu semeava
e colheria;
que o fio
em que me enredo
e era meu guia
agora guia o meu algoz
e me oferece à fera.

Este livro foi composto em Avenir Next LT Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em novembro de 2017.
